
PO(P)lítico: Cultura Pop e Manifestações Políticas no Lulapalooza 2022¹

Larissa Maués Pelúcio SILVA²

Leonardo Silva MACIEL³

Thamires de Souza Trindade SILVA⁴

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Bauru, SP

RESUMO

As eleições de 2018 no Brasil para Presidência da República consagrou a vitória do candidato de extrema direita, Jair Messias Bolsonaro (PL), uma conquista considerada preocupante por setores moderados e progressistas da sociedade na época. Representados aqui por artistas do cenário musical, identificamos discursos e momentos que expuseram as intensas insatisfações e questionamentos diante das declarações e medidas de governo ao longo do mandato de Bolsonaro. O festival Lollapalooza, também nomeado como “Lulapalooza”, como ficou conhecido em 2022, trouxe maior evidência a essa discussão, uma vez que artistas nacionais e internacionais se posicionaram de forma contrária a seu governo. A partir desta perspectiva, dialogamos com os conceitos norteadores da Cultura Pop e da teoria das Guerras Culturais, partindo do objetivo de expor como um dos maiores festivais de música do país promoveu discussões entre o pop, político e o entretenimento, à medida que estes conceitos trazem luz a discussão sobre a cena da música e seus desdobramentos midiáticos enquanto potencial para influenciar nas práticas socioculturais.

PALAVRAS-CHAVE: Manifestações Políticas; Cultura Pop; Lollapalooza; Guerras Culturais; Eleições 2022.

Introdução

Quando a Jair Messias Bolsonaro (PL) assumiu a Presidência da República do Brasil, uma parcela da população se mostrou insatisfeita com as ações desenvolvidas e, posteriormente, executadas em seu mandato. Um dos aspectos que chamou mais a atenção ao longo dos 4 anos de gestão como líder do Poder Executivo Federal foram as suas declarações enviesadas e polêmicas no contexto das conhecidas “pautas de costumes”.

Antes mesmo de assumir a Presidência, Bolsonaro já demonstrava uma postura de cunho totalmente contrário as pautas progressistas, ao mesmo tempo que também não era

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNESP/Bauru, email: l.maciell@unesp.br.

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNESP/Bauru, email: thamires.souza@unesp.br.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNESP/Bauru, email: larissa.pelucio@unesp.br

visto como um líder moderado, principalmente, por políticos de esquerda ao centro e pela população. A cada discurso, pesquisadores já caracterizavam sua figura como um “representante do fascismo”, à medida que fazia declarações públicas, tanto em sua campanha eleitoral, como também ao longo de seu mandato como chefe do Poder Executivo, ao vocalizar o ódio internalizado que efervescia seus eleitores, os chamados Bolsonaroistas.

Suas falas davam força a movimentos que promoviam um forte nacionalismo, através do seu próprio slogan de campanha "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos", frase que se assemelhava ao da Alemanha Nazista⁵. Seus discursos buscavam identificar e segregar setores da sociedade e colocá-los como inimigos, a fim de mobilizar uma causa unificadora contra partidos da esquerda brasileira, seus principais rivais na disputa para a Presidência. Suas ideias iam contra a garantia dos Direitos Humanos e eram uma de suas principais frentes, ancoradas em pautas que incentivavam discursos de ódio contra segmentos da sociedade e grupos minorizados⁶, como a população composta por mulheres e pessoas LGBTQIAPN+⁷.

Nesse cenário, diversos artistas brasileiros também se posicionaram contra o então governante do país. A hashtag #EleNão ganhou evidência em 2018 ao ter aderência da classe artística, que passaram a se posicionar de forma política e midiática contra o Presidente da República nos mais diversos tecidos sociais, como eventos. Entre os episódios, os festivais de música naquele ano de 2022, meses antes das eleições nacional, trouxe grande repercussão a disputa que se aproximava.

Diversos fãs e usuários nas mídias sociais começaram a cobrar posicionamentos de artistas e cantores diante da visibilidade midiática que estes atores tinham em âmbito nacional, como foi com a cantora Anitta, uma das mais influentes artistas do cenário da música pop brasileira. Para os fãs da cantora, ela enquanto mulher, pertencente à comunidade LGBTQIAPN+ e de origem periférica, deveria se posicionar como forma de representar seu *fandom*⁸, o que alguns autores apontam como “ativismo de fãs”, para dar

⁵ Conforme indicam Cavalcanti e Azevedo (2022, p. 54), “na Alemanha de Adolf Hitler, um dos lemas mais repetidos era “Deutschland über alles”, que significa, em português: “Alemanha acima de tudo”.

⁶ O termo “grupos minorizados” se contrapõe à ideia de “grupos minoritários”, sendo difundido na sociologia e por movimentos sociais para retratar o poder de determinados grupos na sociedade, desconsiderando seu número de habitantes (Gilbert et al., 1999), visto que são compostos por grupos onde há pouca representação social, econômica e política, estando, muitas vezes, à margem dos interesses dos governantes.

⁷ Ver: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/17/bolsonaro-e-fascista-listamos-13-frases-do-candidato-para-reflexao>

⁸ Conforme aponta Adriana Amaral (2015), a ideia de fandoms representa as formas de engajamento político, sobretudo aqueles relacionados aos produtos e celebridades da cultura pop global.

voz ao debate que impactaria às eleições daquele ano, do mesmo modo, ao não se posicionar, a cantora estaria em um fogo cruzado, pois já tinha sido apontada como oportunista ao não abraçar as causas sociais que ela representava.

O exemplo acima introduz o contexto da cultura pop, em que os artistas musicais estão inseridos em debates e discussões que relacionam o entretenimento com a vida política. A princípio, estes dois conceitos parecem ideias que não se associam e são opostas. Entretanto, o autor Martino (2019) nos aponta que desde a década 40, ambos os termos caminham muito próximos. Assim, as produções da cultura pop, como a música, ganham o interesse do público e é mecanismo percursos para dar luz aos problemas sociais e cotidianos.

O episódio que nos conduz se dá a partir de uma toalha estampada com o rosto do então ex-presidente Lula, sendo transportada pelas mãos da cantora e Drag Queen, Pablio Vittar, em seu show. O momento teria desdobramentos para um debate que encamparia uma guerra cultural no festival Lollapalooza daquele ano.

A partir desta perspectiva, dialogamos com a Cultura Pop, apoiados nas referências indicadas por Thiago Soares (2014) e nas ideias da Teoria das Guerras Culturais, termo originado na obra *Culture Wars*, de James Davison Hunter⁹ (1991), para se referir a “pauta de costumes”, decisiva para as eleições brasileiras do ano de 2022.

Nesse sentido, a partir da análise das manifestações artísticas políticas no Festival Lollapalooza – Edição Brasil 2022, partimos do objetivo de apresentar como um festival, intitulado naquele ano pelos seus participantes como “Lulapalooza”¹⁰, constitui-se não somente das produções da cultura pop, mas também por atravessamentos de discussões que promovem e embates políticos e como estes acabam se vinculando a política e ao entretenimento, à medida que tais conceitos trazem luz a discussão sobre a cena da música e seus desdobramentos midiáticos enquanto potencial para influenciar nas práticas socioculturais.

⁹ Hunter é um sociólogo da religião na Universidade da Virginia e foi quem cunhou, em seu livro *Culture Wars: The Struggle To Define America* (1991), a expressão “guerras culturais” para descrever os conflitos políticos em torno de temas morais que caracterizavam os Estados Unidos do final dos anos 1980 e início dos anos 1990. (Hunter, 2022, p. 22)

¹⁰ O trocadilho “Lulapalooza” faz alusão ao nome do festival “Lollapalooza” e se popularizou naquele ano devido ao principal opositor de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais ser o então ex-Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, conhecido politicamente como “Lula”.

Poplítico: Cultura pop e posicionamento político

Em São Paulo e outras cidades mundo afora, os festivais de música se tornaram um fenômeno para as massas na cultura musical transnacional (Fléchet, 2007). Um grande exemplo é o Lollapalooza, edição que ocorre anualmente na maior cidade da América Latina. A edição de 2022 marcou as manifestações contra o ex-Presidente da República, Jair Bolsonaro, e tomaram conta da programação dos três dias do festival, que ocorreu nos dias 25, 26 e 27 de março.

Após dois anos de pandemia, a edição de 2022 do Lollapalooza ocorreu de forma presencial e mostrou o potencial político na música, promovendo a apresentação de grandes cantores/as alocados a cultura pop, que tem negociado e pautado discussões sobre o que pode ser caracterizado pelo que Soares (2014) aponta como produtos populares orientados para o público de massa, sendo produzidos dentro, para e pela indústria cultural, a fim de promover o entretenimento entre os artistas e seus fãs através da lógica do lucro.

Assim, ao longo dos anos, foi possível identificar a aproximação entre política e o entretenimento no contexto brasileiro, à medida que artistas e celebridades tensionarem o debate e se posicionaram a favor/contra candidatos e/ou políticos em mandatos, como foi o caso do festival em 2022, influenciando a opinião pública, em que, há muito tempo, se materializa como um espaço de construção e veiculação dos discursos midiáticos (Martino e Marques, 2022).

Vimos, entretenimento enquanto possibilidade para engajar o público com uma linguagem familiar, jovem, buscando se aproximar da audiência. Essa linguagem pôde ser percebida quando artistas e celebridades do universo pop se mobilizam para discutir e debater temáticas sociais ou políticas, utilizando de sua visibilidade para dar voz a pautas não tão populares. Ao mesmo tempo, percebemos que

Os festivais podem ser considerados como festas: são momentos coletivos, que combinam arte, lazer e uma certa ideia de comunhão do público. São também manifestações públicas que obedecem a um calendário específico e envolvem um grande número de atores sociais. São momentos festivos, que introduzem uma ruptura no cotidiano e criam espaços de composição e/ou recomposição do corpo social. Porém, os festivais não são exatamente sinônimos de festas. Possuem

traços específicos que precisamos analisar para entender a gênese e o sucesso atual dessas manifestações (FLÉCHET, 2011).

Foi nesse contexto que a cantora Pablllo Vittar chamou a atenção do público, da mídia e da classe político ao correr a passarela do seu show no Lollapalooza com a bandeira que deu origem as manifestações do “Fora Bolsonaro” naquela edição.

Figura 1 – Pablllo Vittar mostrando bandeira com rosto do candidato Lula



Fonte: Multishow, 2022.

Esse episódio nos levar a crer que artistas e celebridades do mundo pop não ficam limitados apenas à lógica do entretenimento e podem se associar a temáticas políticas e sociais. Racismo, machismo e homofobia foram questões discutidas e abordadas por esses artistas, que travaram uma disputa de narrativas com os ideais de Bolsonaro e seus apoiadores.

O cantor Emicida usou de sua visibilidade durante seu show no festival para falar sobre o título de eleitor. “Se você tem de 16 ou 17 anos, tira a porra do título de eleitor” e logo em seguida disse “Bolsonaro, vai tomar no c*”, a fala veio de encontro a campanha que estava sendo promovida pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e por grupos progressistas ligados ao centro e a esquerda para incentivar jovens de 16 e 17 a tirarem seu título de eleitor, visto que essa faixa etária da população ainda não possui obrigação em votar.

Pode-se perceber que o entretenimento e a política adquirem lógicas um do outro. “O movimento, no entanto, é de mão dupla: à medida em que a política se serve de uma lógica do entretenimento, o próprio entretenimento se politiza em alguma medida” (Martino, 2019, p. 155). Além disso, o autor aponta para um outro aspecto relevante da relação entre política e entretenimento, que seria a construção de identidade.

De acordo o autor, a forma como as pessoas se definem em questões de “nacionalidade, localidade, etnia, gênero, religião, geração, classe ou orientação sexual e como articulam esses diferentes elementos, geralmente tem uma importante influência sobre quem elas se tornam em termos “políticos” (Martino, 2019, p. 158). As autoras Amaral e Nunes (2016) também seguem nessa linha ao demonstrar que a identidade construída por um indivíduo na cultura pop e entretenimento está nas relações entre produtos culturais e o público receptor.

Percebemos que as celebridades “são, ao mesmo tempo, pontos de articulação significativos para entender a sociedade e devem ser compreendidas não só individualmente, mas a partir do que fazem circular” (Postinguel, Gonzatti e Rocha, 2020, p. 6-7). Além disso, os autores reforçam que as celebridades atuam como modelos de vida no capitalismo e produzem ações e comportamentos que vão além que vão além delas mesmas, podendo instituir exemplos e estímulos capazes de afetar o corpo coletivo e as vidas privadas” (Ibidem, 2020, p. 6).

Dessa forma, como Martino (2019) já havia esclarecido, é perceptível que personalidades da cultura pop não ficam limitadas apenas a produzir músicas, filmes, séries e produtos mercadológicos. É possível identificar muitas aproximações entre entretenimento e questões políticas, algumas mais claras como representações da política no cinema ou em histórias em quadrinhos até as questões de “identidade, representações e vínculos de grupo” (Ibidem, 2019, p. 156).

O interesse deste artigo está neste segundo ponto, que trata sobre as conexões do entretenimento e política por meio da temática de identidade e representações que artistas podem provocar nos indivíduos. O processo de contribuição de celebridades para o debate político no Brasil, com debates e manifestações despertam a atenção de eleitores que não se envolvem e não se identificam com os representantes políticos do país.

A política de celebridade fornece um meio para envolver cidadãos que se encontram distantes das discussões políticas. Assim, ainda que essa celebridade não deseje um cargo público, ela pode se colocar como um

representante não institucionalizado, usando sua persona para pressionar autoridades políticas (Kamradt, 2019, p. 2)

Essa lógica nos leva a compreender que os discursos politizados não estão restritos e focados apenas nos aspectos político-eleitoral, sendo possível ganhar materialidade a dimensão política quando pauta discussões sociais que se colocam enquanto manifestação para pressionar governos e governantes.

Guerras Culturais no Lulapalooza

Como visto, além do rapper Emicida, outros artistas também se posicionaram contra Bolsonaro. No primeiro dia do festival da edição de 2022, em 25 de março, a cantora britânica Marina criticou os presidentes Bolsonaro e Vladimir Putin enquanto performava a canção *Man's World*, que confronta um mundo liderado por homens (Bueno de Godoi e Rosa, 2022). A banda Detonautas também adentrou ao debate e deixou seu posicionamento muito evidente em manifestação a importância da democracia no país.

As manifestações foram o suficiente para que Bolsonaro, candidato a reeleição a Presidência da República naquele ano, acionasse o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) contra a organização do festival, porque para o então presidente a manifestação política de Pablo Vittar devia ser considerada “propaganda eleitoral antecipada” (Rodrigues, 2022). Apesar de já estarem circulando notícias sobre a decisão do TSE e ser interpretada como tentativa de censura, os cantores Silva, Jão e o rapper Emicida também se posicionaram¹¹.

O último dia de festival, que ocorreu no dia 27 de março, a drag queen Gloria Groove também se manifestou ao criticar uma tentativa de censura no festival. Durante seu show, Gloria Groove disse “Sabe Lolla, hoje à tarde antes de vir pra cá eu me peguei pensando o seguinte: será que a gente voltou no tempo? Será realmente que é isso que está acontecendo? Quer dizer que eles querem calar a gente, é isso? Censura em 2022 é o caralho. Fora Bolsonaro”. Além de Gloria Groove, os integrantes da banda Fresno exibiram “Fora Bolsonaro” no telão durante o show¹².

¹¹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/03/26/xingamentos-e-campanha-por-voto-jovem-lolla-vira-palco-contr-bolsonaro.htm>

¹² Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/lolla-2022-em-ultimo-dia-artistas-protestam-contradecisao-do-tse-e-bolsonaro/>

Pablo Vittar e Gloria Groove são duas drag queens de reconhecimento que fazem parte da músicapop brasileira. Pablo possui mais de 1 bilhão de reproduções no aplicativo de música Spotify e é a drag queen mais seguida no Instagram (Judar, 2021), acompanhada de Gloria Groove que ocupa o 2º lugar de drag queen mais seguida na rede social, além de ter ultrapassado Pablo ao se tornar a drag mais ouvida no Spotify.

As duas são personalidades que representam a comunidade LGBTQIAPN+, a qual Bolsonaro deprecia e ofende. “Esses discursos, apesar de se valerem habitualmente de figuras como ‘pátria’, ‘família’ e ‘Deus’ - de pretensão universalismo e abrangência - buscam, com efeito, excluir as trocas culturais e a diversidade” (Costa e Vilela, 2020, p. 112).

O conceito de guerra cultural explica essa questão. Relembrando, o termo surgiu no contexto pós-Segunda Guerra Mundial e ganhou popularidade com a obra *Culture Wars*, de James Davison Hunter, em 1991. Nesta publicação, o autor contempla temas que vem ganhando destaque atualmente, como a “pauta de costumes” que foi decisiva nas eleições brasileiras, por exemplo. O pesquisador e mestre em Filosofia, Eduardo Wolf, explicou sobre esse conceito em entrevista ao Jornal Nexo¹³. Para Wolf, o conceito não se refere a guerras civis e sim a tensões no campo cultural da sociedade.

“Guerra cultural” se refere a um tipo especial de tensão social e política em determinada sociedade. Como o nome diz, esse conflito ocorre na dimensão da cultura – da produção artística, pensamento e reflexão, no universo dos valores e símbolos. Não é como uma guerra civil, que representa um estágio avançado de deterioração do quadro social e institucional. Tampouco se reduz a um conflito de facções partidárias. Justamente por ser um fenômeno do campo da cultura, podemos perceber sua presença de maneira ampla e difusa na sociedade. O que torna esse tipo de tensão diferente é uma percepção, por parte de grupos majoritários ou dominantes, de que as nações e as sociedades em que vivem têm uma unidade e uma identidade que se traduzem em uma essência inalterável. Obviamente, tudo o que divergir dessa visão essencialista (pode ser do Brasil, pode ser do Ocidente) será considerado como uma ameaça radical, pois coloca em xeque a suposta identidade tradicional. (Wolf, 2019)

Na ascensão da direita e da extrema-direita, as guerras culturais são bem compreendidas no âmbito das batalhas ideológicas, que querem estabelecer “modelos

¹³ Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/03/10/O-que-%C3%A9-%E2%80%98guerra-cultural%E2%80%99.-E-por-que-a-express%C3%A3o-est%C3%A1-em-alta>

normativos (reacionários até) de família, arte, educação, lei e política” (Rocha, 2021, p. 111).

No Brasil, enfatiza-se a expressão “guerra cultural bolsonarista”, uma vez que o sentido de guerra cultural caracterizada aqui é a eliminação sumária do outro, sempre visto como inimigo (Rocha, 2021). As notícias falsas, conhecidas como *Fake News*, foram uma das principais estratégias para criar uma política de medo, como o “kit gay”, discurso utilizado por Bolsonaro e os Bolsonaristas e que ganhou visibilidade ao divulgar que escolas por todo o país estariam distribuindo um kit com incentivo ao sexo para crianças pequenas e estariam incentivando a homossexualidade. Eventos como esse mostram que a comunidade LGBTQIAPN+ é tratada como “diferente” daquilo que é considerado como padrão dentro de uma sociedade, precisando ser eliminada.

As discussões em torno das pautas morais no governo de Bolsonaro dialogam com a ideia da guerra cultural, que “implica um entendimento fundamentalista do mundo, cujo corolário é a eliminação pura e simples de tudo que seja diverso” (Rocha, 2021, p. 113). Além disso, também implica uma disputa de valores, com base na declarada superioridade de princípios que um grupo defende (Ibidem, 2021), onde questões sociais, morais e políticas se mostram interligadas nesse contexto.

Aqui, o festival se mostra enquanto um potente marcador, demonstrando o fazer musical no seu sentido político ideológico quando artistas pop, como Pabllo Vittar e Gloria Groove, se posicionam contra Bolsonaro, mostrando que seus discursos vão muito além da lógica do entretenimento e estão atuando politicamente, assim como outros artistas que se posicionaram ao longo dos três dias de festival. A guerra cultural bolsonarista começou antes mesmo das eleições e permaneceram no cerne da discussão dos debates antagônicos, onde seus desdobramentos de tensões e conflitos influenciaram fortemente o contexto político-eleitoral.

Esse cenário provocou sérias disputas na vida social e na cultura pública. Afinal, conforme aponta Hunter (2022, p. 28), “por baixo da miríade de controvérsias políticas sobre as chamadas questões culturais, havia crises ainda mais profundas sobre o próprio significado e propósito das instituições centrais da civilização”, em que narrativas e contra narrativas são frequentemente colocadas em jogo para confrontar as instituições.

No Twitter, Bolsonaro (Online, 2020) já afirmou que o “O Estado é laico. Respeitamos a todos. Mas o nosso Governo é CRISTÃO”¹⁴, contrariando a própria Constituição Federal que garante um Estado Laico, e ofendeu grupos minorizados ao declarar: “

Outro dia eu falei... A mãe quer que o Joãozinho continue sendo Joãozinho. Ah, declaração homofóbica... Meu Deus do céu. Porra... Onde nós iremos? Cedendo para as minorias... As leis existem, no meu entender, para proteger as majorias. As minorias têm que se adequar... (Bolsonaro, 2022, Online)

A frase de cunho homofóbico precede outras falas polêmicas, como as afirmações de que “seria incapaz de amar um filho homossexual e preferia que o filho morresse ao aparecer com outro homem”¹⁵ (Istoé, 2018). Esse discurso demarca posições claras sobre quais grupos são importantes para o governo/Estado, não se importante em excluir e marginalizar tudo e todos que não seguem os mesmos princípios que ele.

As declarações de cunho homofóbico são acompanhadas de tantas outras que podem ser caracterizadas enquanto discursos machistas e racistas. Em contraponto, durante sua apresentação, o rapper Djonga gritou: “Eu quero saber se o Lollapalooza odeia racistas. Quem odeia racista levanta a mão. Quem odeia o Bolsonaro levanta a mão”. A manifestação do cantor nos relembrar o episódio de quando Bolsonaro se pronunciou dizendo que foi a um quilombo e indicou: “Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais”¹⁶ (Foco, 2017).

Logo, percebemos esse fenômeno de forma latente onde os festivais de música no Brasil têm chamado a atenção dos jovens e que possuem grande potencial de diálogo com produções *mainstream*. Seu impacto nacional, e internacional, em algum grau, foi decisivo para a construção de narrativas e mobilização de eleitores, principalmente do público jovem, em meio a um contexto político que antecedia grandes desafios para o que ficou conhecida como uma das mais difíceis eleições do país. A guerra cultural foi contínua e crucial!

¹⁴ Ver: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1306349474592194566>

¹⁵ Disponível em: <https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias/>

¹⁶ Ver: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>

Considerações Finais

Os antagonismos materializados e manifestados ao longo do festival Lollapalooza em 2022, resultaram em um extenso embate político. Ali, artefatos simbolizavam a vocalização de discursos que geraram movimentações na mídia, indo de discussões sociais, decisões nos Tribunais Superiores do país aos memes que pulverizaram as redes sociais.

Ao se manifestarem, artistas inseridos na cultura pop, produtores de conteúdo e da música, utilizaram das estruturas do Festival para dialogar com o seu público e se posicionar contra as ideias que representavam retrocessos as questões sociais do país. O episódio traz ainda mais visibilidade, visto que engloba não apenas fãs de música, mas também eleitores, em um dos maiores encontros que reúne jovens de todo o país.

Dessa forma, é notório que, desde que Bolsonaro se apresentou como candidato à reeleição à Presidência naquele ano, pautas morais se tornaram, mais uma vez, recorrentes, e o entretenimento surge enquanto mecanismo para que artistas da cultura pop brasileira se mobilizassem contra discursos que agridem não somente os direitos humanos, mas o acesso a cultura.

A música pôde conter um teor político e por meio dela, cantores demonstram discursos de princípios e valores e a guerra cultural trazida durante o governo de Bolsonaro expôs ainda mais que a cultura pop se insere na política. O Lollapalooza foi um exemplo das conexões e interações dos diálogos entre artistas e política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Adriana; SOUZA, Rosana Vieira; MONTEIRO, Camila. “De westeros no# vempraru a shippagemdo beijo gay na TV brasileira”. *Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital*. Galáxia (São Paulo), p. 141-154, 2015.

AMARAL, A. **Manifestações da performatização do gosto nos sites de redes sociais: uma proposta pelo olhar da cultura pop**. *Revista Eco-Pós, [S. l.]*, v. 17, n. 3, 2014. DOI: 10.29146/eco-pos.v17i3.1769. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1769. Acesso em: 29 nov. 2022.

BOLSONARO, Jair Messias. **O Estado é laico. Respeitamos a todos. Mas o nosso Governo é CRISTÃO**. Brasília, 16 set. 2020. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1306349474592194566>. Acesso em: 16 ago. 2023.

BUENO DE GODOI, Rodrigo Duarte; ROSA, Ana Paula da. **Lulapalooza e a toalha mais querida do país: a circulação de sentidos a partir da performance de Pablo Vittar**. *Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais, [S.l.]*, v. 1, n. 5, nov. 2022. ISSN 2675-4169. Disponível em:

<<http://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-resumos/article/view/1510>>.
Acesso em: 03 jan. 2023.

CAVALCANTI, Cristiane Renata da Silva; AZEVEDO, Nadia Pereira Gonçalves. O MOVIMENTO PARAFRÁSTICO DE “BRASIL ACIMA DE TUDO, DEUS ACIMA DE TODOS” X “DEUTSCHLAND ÜBER ALLES”. **Policromias-Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, v. 7, n. 1, p. 51-64.

COSTA, J.L. e VILELA, I.S.L. **Tecnografismos no movimento feminista brasileiro #EleNão: uma reflexão discursiva**. In: *Feminismos em convergências: discurso, internet e política*. E-book, 2020.

GALLEGO, Esther Solano; ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Marcio. Guerras culturais” e “populismo anti-petista” nas ruas de 2017. **Notas–Friedrich-Ebert-Stiftung Brasil**, n. 10, 2017.

FLÉCHET, Anaís. Por uma história transnacional dos festivais de música popular. Música, contracultura e transferências culturais nas décadas de 1960 e 1970. **Patrimônio e memória**, v. 7, n. 1, p. 257-271, 2007.

FOCO, Congresso em. Reportagem em 05 abr. 2017. **Bolsonaro: “quilombola não serve nem para procriar”**. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projetobula/reportagem/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>. Acesso em: 16 ago. 2023.

GILBERT, Jacqueline A.; STEAD, Bette Ann; IVANCEVICH, John M. Diversity management: **A new organizational paradigm**. *Journal of business ethics*, v. 21, p. 61-76, 1999.

HUNTER, James Davison. **A Guerra Cultural Contínua**. Trad. Cássia Zanon. *Pol. Cult. Rev.*, Salvador, v. 15, n. 1, p. 22-62, jan./jun. 2022.

ISTOÉ. **Frases de Bolsonaro, o candidato que despreza as minorias**. Matéria em 24 set. 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias/>. Acesso em: 16 ago. 2023.

JUDAR, Cristina. Pablo Vittar: **Drag queen mais popular do planeta, Pablo cresceu sem ver-se representada na TV e celebra espaços que ocupa**. UOL, 21 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/drag-queen-mais-popular-do-planeta-pablo-cresceu-sem-ver-se-representada-na-tv-e-celebra-espacos-que-ocupa/#page1>>. Acesso em: 3 de março de 2023.

KAMRADT, J. **Celebridades políticas e políticos celebridades: uma análise teórica do fenômeno**. *BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, [S. l.]*, n. 88, p. 1–22, 2019. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/471>. Acesso em: 5 dez. 2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina. Salgueiro. **“Definindo a cultura pop: uma trilha política”**. In: *Política, cultura pop e entretenimento: o improvável encontro que está transformando a democracia contemporânea / Luís Mauro Sá Martino e Ângela Cristina Salgueiro Marques*. Porto Alegre: Sulina, 2022.

MARTINO, LUÍS MAURO SÁ. **Midiatização da política, entretenimento e cultura pop**. In: *Mediaciones de la Comunicación*, v. 14, n. 2, p. 145-164, 2019.

POSTINGUEL, D.; GONZATTI, C.; DE MELO ROCHA, R. **#AnittalsOverParty: a celebridade como mobilizadora de ciberacontecimentos, os consumidores-fiscais e a cultura do cancelamento em redes digitais**. *E-Compós, [S. l.]*, v. 23, 2020. DOI: 10.30962/ec.2037.

Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2037>. Acesso em: 7 jan. 2023.

ROCHA, J. C. de C. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

RODRIGUES, Henrique. **Lula lá! Bolsonaro aciona TSE contra Lollapalooza por show de Pablo Vittar**. Revista Fórum, 26 de março de 2022. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/2022/3/26/lula-la-bolsonaro-aciona-tse-contra-lollapalooza-por-show-de-pablo-vittar-112120.html>>. Acesso em: 3 de janeiro de 2023.

SOARES, Thiago. **Abordagens teóricas para estudos sobre cultura pop**. Logos, v. 2, n. 24, 2014.

WOLF, Eduardo. **O que é ‘guerra cultural’. E por que a expressão está em alta**. Nexo Jornal, 10 mar. 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/03/10/O-que-%C3%A9-%E2%80%98guerra-cultural%E2%80%99.-E-por-que-a-express%C3%A3o-est%C3%A1-em-alta>. Acesso em: 4 de jan. de 2023.